Sibilas de Samira
Eric Ponty
virtualbooks

Sibilas de Samira
Eric Ponty

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

www.terra.com.br/virtualbooks

Sibilas de Samira
Eric Ponty

{2002}

As Sibilas de Amiga

onde deixaste a tua voz
macia de capim e veludo
semeada de estrelas

Ana Paula Ribeiro Tavares - Angola

O livro nasceu prontamente, com intervalos às vezes largos, como poemas que vão se escrevendo na memória noctívaga, segundo as mais diversas inspirações diurnas.

Enquanto escrevia estes poemas, procedia por temas propostos: tenho muitas imagens que iam se maturando na cabeça onde fazia os temas imaginados, segundo as idéias que me passava pela cabeça, o apontamento dessas coisas que imaginara escrever eu ia me inspirado nos detalhes das coisas, e, até mesmo inspirado na leitura de outros poetas, vide o caso de Thomas Antônio Gonzaga.

Tento pensar este livro como um objeto inteiro com temas que se interligam internamente em leitmotiv, e, talvez pensando neste objeto único elegido um leitmotiv que foi "Sibila", e, o do nome: Samira.

A palavra sibila vem grego *síbylla* e pelo latim *sibylla* que segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda: "1. Entre os antigos, profetisa", mas "sibilar" quer dizer:"Sibilação, silvo, zumbido, assobio.", e, no fundo penso que estes poemas refletem um pouco esta sibilação da magia dos antigos.

O nome de Samira vem do nome árabe de **Samir** que quer dizer: "Companheiro, amigo", logo **Samira** quer dizer na forma feminina:"companheira, amiga".

Sibilas de Samira é um livro de poemas possuído por esta "magia dos antigos", e, talvez por este fato transpareça tanto nestes temas na construção de imagética, e, muitas vezes intencionalmente tentei me referir às canções tradicionais de amigo da tradição portuguesa.

Eric Ponty

Sibila de Samira

> onde deixaste a tua voz
> macia de capim e veludo
> semeada de estrelas
>
> Ana Paula Ribeiro Tavares - Angola

Amor, te encontrar, nesses olhos,
sedutores de outras terras,
com sussurros do deserto
pronuncia de Saara
a boca fluente água
me alimenta, e, ainda
lapida minha fala.

Amor,
te encontrar nesses olhos,
ainda chegará esse dia, que sós,
sós viremos nos perguntar:

De qual Paradiso, poeta e esposa,
foram tão bem esculpidos
não se percebe-se o abatido,
não há musa, apenas complemento,
homem e mulher sem intervalos
ressoando gozo,
o vôo dos pássaros.

Amor,
te encontrar nesses olhos,
mistério de sulamita, cabelos loiros,
o corpo de curvas densas
conduzidas a linha da curvatura
retira do meu centro na intensa luta
contra os sentidos interiores
a qual mulher sempre termino
enfim de joelhos.

Sibilas de Samira II

I

No deserto de Samira,
espaço silencioso, eco de Dakar,
há uma sulamita, um mistério,
papiros ainda indecifráveis
areias selvagens, sussurros débeis
no útero de um Saara da terra
estéril sonha a fina delicadeza
fontes de expostos seios
do mel e do mais puro leite
destas dunas alvas de areias.

No deserto Samira,
espaço silencioso, eco de Dakar,
no candeeiro a luz de uma virgem
no ato da espera da amargas ervas
para se possa celebrar a cerimônia
do amado gozando em paradisos
de longas entranhas a que seja
a única, somente a una das amadas.

No deserto de Samira,
espaço silencioso, eco de Dakar,
a explicação intrínseca de Deus a Jó,
flácido silêncio tecido, fonte deságua,
a semente fez-se alvorecer o poente
destituídas das folhas de outonos,
ninho de pássaros de voz de sonhos.

No deserto de Samira,
espaço silencioso, eco de Dakar,
eco nas alcovas tem seu riso,
movidos em vestes da dançarina,
rangendo sombras da noite, o gozo
sagrado, lágrimas guardadas, desvão
das pálidas virgens ao gozo dos eleitos.

No deserto de Samira,
espaço silencioso, eco de Dakar,

fios de ouro reluzentes dos cabelos,
são braceletes sem diamantes,
presos quando mexe com os dedos
quando inclinada ao vento me sonha.

II

- Ouve o sussurro deste poema?
Agora, encosta cabelo no ombro
neste meu porto sem mares,
neste meu porto sem despedidas,
neste meu porto onde está tatuada
com vestes de seda, e de alva prata.

- Ouve o sussurro deste poema?
Agora, encosta cabelo no ombro
escute a explicação dos sábios:
O da esquerda é o de Constantinopla
empreendeu longa viagem no mar,
atravessou monstros e Tordesilhas,
sofreu blasfêmias e descrenças, salvou-se
agora analisa os caules da efígie;
O da direita é o do Império de Adriano,
andarilho dos longos desertos e de terras,
monge num dos castelos dos templários,
diziam que era mito, apenas vestido,
capa iluminada sem sentido de livro,
e, presente analisa os caules da efígie.
- Ouve o sussurro deste poema?

Agora, encosta cabelo no ombro,
escuta a explicação destes eruditos,
não faça nenhum conceito errado,
comentam entre eles somente de ti
analisaram os pentagramas, os raios
das tempestades nos últimos séculos,
colheram o vácuo do vôo dos pássaros,
tentam entender de que é constituída,
de que elemento sagrado não se fala,
de que elemento não se pode traduzir.
- Ouve o sussurro deste poema?

Agora, encosta cabelo no ombro

com fios de ouro bordado de anjo,
incompreensível para este jardim,
onde existe a luz e não se apaga,
que me ilumina na minha solidão,
luzindo quente como o candeeiro.

III

Chegaram vindos de navio
agora dispersos por essas Minas,
trazem consigo sussurros mouros,
vendiam ícones dos santos
porque Alá, o misericordioso,
transcende-lhes o coração,
embora nas Minas sem mesquita
fizeram versos do seu Alcorão,
fosse ainda escrito por uma donzela
no mineiro destas ruas estreitas.

Samira intensa asa de borboleta,
frágeis dedos, qual será o significado
da dor que me dói, e, não se silencia,
de fios loiros deste cabelo iluminado
raios de sol apagá-los a que não incendeiem
às fronhas do travesseiro?

Eco do deserto de Dakar ressoe em Minas,
fazei-a lembrar-se de nosso compromisso
do matrimonio foi por nós acertado, quando
impossibilitados no século IV
apaixonados sermos pai e filha de nos desposarmos.

Eco do deserto de Dakar ressoe em Minas,
fazei-a lembra-se de nosso compromisso,
toco minha lira em celebração a ornar
o canto do campo de espaço em palavras
solenes do rito.

Talvez ouvindo a voz de minha lira
minhas canções de mero compasso
a celebrando enfim me eternize.

Sibilas de Samira III ou Paráfrase da Lira XXII de Gonzaga

Transvertido de Gonzaga adentro o poema
a celebrá-la lira ante aos homens ocos
comporei brancura da face de leite puro
exaltarei esses olhos e nenhuma luz apaga,
os seios pães mais frescos da padaria,
na singular peça de ar das mandonas:

Muito embora, Samira, muito embora
Outra madona, que não tenha essa tez,
traços do nascimento Vênus, a sua face
silencia a amarga palavra.

As paredes da sua sala,
Não lhe fazem jus tal é a espessura infinita;
Pendam pobres cortinas, penda a lâmpada
do teto inútil não a ilumina.

Tu não habitas qualquer sofisticação,
Nem está alienada a moda dessa passagem;
Porém terás a mim que fale, que te veja,
Componha no poema sua existência.

O tempo não respeita a desejos da moda;
E da pálida morte a mão tirana a chama
Fazendo-a perder um a um desses atributos,
Que instantes foram eternos na urbe.

Quantas modas, Samira, padeceram na aurora,
Essa luta sempre se mostrou inútil e inglória!
Só podendo conservar um nome eterno
O seu, que assinala novas esperanças
Nem mesmo o rude pássaro se ufana.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer delas fosse linda,
Já não saberiam o mundo, se existiram
Nem Laura, nem Clorinda, nem Marilia
Nenhuma possuía unos atributos Samira.

É melhor, minha Bela, eu me calar.
Pode algum deus lendo-me a veja e a queira.

Não sabem nada os homens se ufanam
Os cabelos, as vestes, os títulos, a riqueza
irão morrer

Minha Amada Em Azul

Amada,
levante o semblante de aurora
a fronte de pomba clara fala;
venha dançar neste meu canto,
esse meu exílio de acalanto.

Amada,
levante o semblante de aurora
a fronte pomba clara fala,
morte vestida de raios de lua
enquanto está no céu gelado só,
tocam sinos solenes das serras
do bronze, extraídos dos poetas
que não conseguiram a ouvir.

Amada,
levante o semblante de aurora
a fronte de pomba clara fala,
o poeta não dorme no colo,
as crianças nascidas dos raios da lua
enlouquecidas mordem sonhos,
árcades tecem liberdades,
enquanto o coração lento bate
nas esquinas outro nome,
outro terror de manhã.

Cântico Para Aguardar Samira

O tempo não quer apressar-se
a que minha angústia diminua
na jurisdição dos meus olhos.

Eu me apressarei ao tempo,
segundos ainda tanjam-me o silêncio.
Samira aparecerá em cabelo de sol,
face de Vênus, sagrada.

As horas não querem apressar-se
a que minha angústia diminua
na jurisdição dos meus olhos.

Límpida nudez é a foz jorrando água,
é passagem da vida a quem aguardou
séculos da passagem desse mesmo rio?

Mas Samira,
aparecerá de repente, fará calar o cotidiano
língua de predizer o acaso do meio-dia
sagrada.

Nem o tempo ou horas querem apressar-se
a que eu me encontre o Paradiso,
a sua face de anjo possa libertar-me.

O Súbito Horizonte

Primeira vez a ouvi
pareceu-me em Alba
esses versos da manhã
desembocando em aves.

Disse-me coisas Samira
o ar padeceu de dizer.

Nesta manhã fria e lunar
invadiram-me raios solares
um arco-íris sem peso
purpúreo sem pedra ou madeira
na existência do olhar.

Não eu não te apreciei
perpetuo clamor das coisas,
nem você mesmo me distinguiu
impossível gesto subterrâneo.

Resta com parcimônia
do alto do monte observar a cidade
esperar o retorno das sombras dos homens.

Quatro Salmiras

I

Falam ter face de Vênus
olhar do deserto
curvatura de uma duna

o movimento dos ventos
que o seu olhar, apenas seu,
ilumina e incendeia o sol
a reentrâncias do cotidiano.

Falam ter face de Vênus
olhar do deserto
na sua presença Akhneten
despir-se-ia da grandeza
rendendo-lhe graças
assim os pássaros leves
na verde árvore em cântico
de celebração.

II

Não quero perpetuar nada.
Não quero celebrar nada.

Perspectivei esses olhos
Akhneten teria morrido com mais certezas
nem acreditaria em ser uma divindade,
o sol flui a mesma eterna foz.

Vale dos Reis é apenas eco longínquo
flerte fugaz com a longevidade.

Não eu não posso e não quero,
seria se postar contra esta tarde.

III

Tua voz é a foz e o gesto,
nascida em outra foz,
cílios solares, lábios de lua,
ar que compõe estes seres.

A menina choramingando
só a queria a conhecer
porém assim como os deuses
está envolta na aurora mítica.

Ah sol, eterno dilema dos homens,
fonte flui a mesma vida e morte
consciência ancestral dos arcanos,
Samira, sagrado porvir de Akhneten.

IV

Perpetuo o meu verso
na delicadeza do gesto
na voz que encanta
sem temor ou esperança
na densidade de seu corpo.

A menina choramingando
só a queria a conhecer
porém assim como os deuses
sabia que estava predestinada
a renascer de suas entranhas,
não como filha, mas como você,
vaidades e acasos dos deuses.

Salmira V

Embaixo da fronte inexistente de Apolo
o dorso apenas se perspectiva.
Olhos não compreendiam a essência
o glamour mítico, fala de ave de outrora.
Com corpo em notas que se tocam ao som
de citara, notas de harém.
Os seios naturezas mortas, maças de Cézanne
ou mesmo Matisse na manhã.

Salmira VI

Não quero ser poeta,

almejaria ser pintor.
Perpetuá-la através da imagem.

Não se conhece a face de Eva
há falta do registro no principio.

Não te conhecerão a rubra face
este resplendor de seu corpo.

Face de Pergaminho de Samira

Face de pergaminho
indica grafias outras
de princesas ignoradas
sussurro de Helena de Tróia
gozo de Penélope com Ulisses
das historias agora míticas
habitadas nas linhas da mão.

Face de pergaminho
indica grafias outras
rubor de Marilia de Dirceu,
a boca da Vênus de Goya,
riso de Maria Antonieta,
a lascívia de Salomé.

Face de pergaminho
indica grafias outras
olhar de Maria Madalena
o silêncio da Virgem Maria
a singeleza de Bernadete.

Face de pergaminho
indica grafias outras
face oculta de Magritte,
musa descendo a escada,
o enigma de Mira Celi.

Face de pergaminho
indica grafias outras
sons preciosos e ocultos,
o medo transcende só
solar sátiro riso de lua.

Canções dos Abacates

I

A textura do seu seio Samira
é abacate de Eva.

Cézanne poderia tê-lo perspectivado
contemplado a formosa curvatura
fluir da estação, impossibilitado
em pô-lo na mesa sem dissecá-lo
preferiu olhar fruta que ferir a árvore,
o pomar do abacate decaído nos olhares
daqueles que não avisados a desejaram.

Não pode ser a textura de seu seio
ainda seja rubra, nessa pele rosada.
Nem sequer a maça
apenas seio
perpetuo no tempo.

II

Inerte está o seu corpo adormecido,
nascido quando acorda da manhã.

Quando na frente do espelho se olha
percebe-se Eva, pomar do Paradiso.

Quando seus olhos se derem á lua
cantaram em pássaros adormecidos.

Quando penteares os cabelos, solares
raios fluidos na água límpida.

Inerte está o seu corpo adormecido,
nascido quando acorda da manhã.

Hino Novalis-Samiriano

P/Jorge de Lima

Diante do espetáculo belo do seu corpo adormecido, Samira, todo espaço à volta está imerso no silêncio, hiato vivo, branca página ainda não escrita.
As bordas dos lençóis não tangem a deliciosa luz doirada saída de seus cabelos, cores doiradas do sol, raios lunares cotidianos, onipresença do seu corpo faz todas as texturas alvorecerem o findar dessa noite que angustiada clama pelo dia.
O mundo gigantesco das constelações inala o seu corpo a mais profunda alma da vida, e flutua dançando em sua torrente açucarada. As pedras dos seus sonhos tranqüilamente faíscam, divagando-se pela insônia dos elementos, o pensativo oásis emerge dos seus lábios vaginais.
O mundo selvagem das sombras sussurra gavotas, ardente e multiforme os animais extintos inalam essa respiração como mirra à transcendência.
Ainda mais que de sua respiração, o nobre estrangeiro de olhos brilhantes, exausto de campear sua face em outras mulheres, com andar altivo, lábios melodiosos e cerrados está a recitar-lhe a elegia.
A dor que provocaste na alma estrangeira, Samira, está em corroê-lo ainda sua presença será a cura. Esse se deporá no seu leito num elemento das constelações.

Sobre Jurisdição de Samira

Debaixo de seus cabelos
solares
componho-lhe elegias:
Efígies no correr da pena.

Debaixo de seus cabelos
lunares
tenho sofrido o infinito,
o tempo de poder saciá-la.

Debaixo de seus cabelos
cotidianos
tenho recitado as mandalas,
as reencarnações até agora.

Cântico do Serviçal de Samira

E eu que fazia versos
sem nada perceber
do nada lhe cantava:
Umbigo agora nos une.

Que grande poeta inócuo eu
perpetuei-me em vãos versos.
Bebia infinitas efígies outras,
não da doirada fonte do umbigo.
Me desde sentido a minha dor
esculpiu-me Adão. E enamorado
de outra, tolo eu fui à amada.

Toma o meu gozo na sua porta amada,
deixa-me expirar ao aquietar a alma,
foram muitas reencarnações inúteis,
minha alma ecoa ainda essa música,
o eterno fruto de Samira, a face.

Deixa-me conquistar o império nos braços,
seus abraços, bem-amada, Senhor dá-me
a graça a perpetue-me nos lábios,
abdico da eternidade a beber limpada
água dessa fonte. Oh amada!

Nota Biográfica:

Eric Ponty (1068/) Poeta e escritor. Nascido em 1968 São João del-Rei. Tem inéditos livros de poesia e prosa para adultos e crianças. Colaborador das revistas Poesia Sempre, Órion – Revista de Poesia do Mundo de Língua Portuguesa (Brasil/Portugal), Revista Poesia Para Todos, Dimensão, Babel, Ato Revista de literatura, DiVersos (Portugal), O Achamento de Portugal (Brasil/Portugal) entre outras publicações como da Academia Sanjoanense de Letras da qual é membro. Está na Antologia Mineira do Século XX, organizada por Assis Brasil da Editora Imago. Selecionado para A Voz do Poeta (RJ) Compôs com Alexandre Schubert (RJ) o Lied "Sálmico de Betsaida" menção honrosa no concurso Música Brasileira de Contrabaixo, livro de partituras organizadas por Sonia Ray, pela Universidade de Goiás tendo a estréia no Congresso Universitário em Indianápolis nos USA. Traduziu O Cemitério Marinho de Paul Valéry, Música de Câmara de James Joyce, e uma seleta de Pablo Neruda. Para Brooklyn Bridge de Hart Crane. Publicou o livro de poemas infanto juvenil O Menino Retirante Vai ao Circo de Brodowski com reproduções das pinturas de Cândido Portinari (Musa Editora 2002) PNLD 2006 tendo adaptação teatral de Wilmar Silva e estreado em Belo Horizonte. No prelo em prosa poética A Baleia Azul Cortez Editora de São Paulo. Integrante da Terças Poéticas é realização da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais em parceria entre o Suplemento Literário e a Fundação Clóvis Salgado nos jardins internos do Palácio das Artes.